

Renovação

A LITERATURA SOCIAL E OS VALORES LITERARIOS NA RUSSIA



DEPOIS do triunfo do bolchevismo, a Europa Ocidental só conheceu da Russia as manifestações picturais-arrojadas, inovadoras, gritos de arte moderna, manchas bizarras a cobrir todos os academicismos, todos os esteticismos consagrados.

Nas revistas e nos jornais, nos teatros e nos salões do povo, nos cartazes revolucionarios e até na parte exterior dos com-

boios, o lapis e o pincel dos artistas russos fizeram a propaganda da revolução e da Arte moderna.

Dir-se-ia, porem, que o triunfo da pintura e do desenho aniquilou o triunfo literario — porque enquanto aquele ecoava ruidosamente no estrangeiro, deste nem sequer se falava.

E os que, como eu, seguem atentamente todas as novas manifestações literarias, depois de folhear as revistas do genero e de nelas não encontrarem referencias á moderna literatura russa, perguntavam a si proprios, com duvida e desalento:

— E' possivel que não existam novos escritores russos?

Mas passaram-se alguns anos e nos, ultimos, o labôr dos nossos camaradas da Russia começou chegando até nós por intermedio de revistas e casas editoriais da Italia, França e Espanha.

E verificamos que se os novos processos artisticos teem ali muitos apostolos, não o teem menos as novas ideias.

A Russia foi sempre de todos os países aquele que melhor interpretou a Literatura Social — a Literatura da vanguarda ideologica, essa literatura que era como um grande farol vermelho erguido sobre o tumulto das noites europeias. A França, a Alemanha, a Italia e a Inglaterra, podem-nos ter dado escritores-interpretes da civilização, genios, padrões de escolas literarias, filosofos — sondas da vida, mas nunca deram, no campo da literatura social, tão formidaveis expressões como essas que desde o principio do século XIX nos dá a Russia.

E' em mãos eslavas que o facho da Literatura Social tem obtido os seus maiores fulgores.

E isto auxilia a justificar que na Russia, apesar da semi-barbarie de alguns dos seus povos, se haja tentado destruir, antes que noutros países mais civilizados, as algemas da opressão.

A Arte tem sempre um grande papel nas conquistas da Liberdade, e se na Russia não se estabeleceu ainda uma Liberdade duradoura, não foi porque a sua Arte não tivesse lançado as indispensaveis sementes.

*
* *

O genio de Dostoiewsky, o talento de Tolstoi, de Gorki, Kropotckine, de Nudriedw, encontram agora novas modalidades numa geração nova, que descerrou as suas palpebras para o mundo literario, já sob o clarão da Revolução e que por isso compreende que é necessario ir mais para além, muito mais para além. Essa geração sabe que parar é morrer.

Um dos seus elementos mais representativos é Wladimir Maiakowsky. Poeta e revolucionario — é com a blusa dum «moujik» que ele surge um dia em Paris. Tentou o Teatro, com o seu drama de dôr e estarecimento — *O misterio bufo*. Em 1917 combateu a carnificina europeia com o seu livro de poemas — *A guerra e o mundo*, interpretando assim o sentir russo ao afastar-se de entre as nações beligerantes.

A's teorias artisticas de Maiakowsky estão ligados outros poetas, como Asseief, Kroutchenik, Orvatof e Brik.

Mas outros ha, com manifestações pessoais e ideias da vanguarda. Elias Ehreburg, poeta e novelista, autor de «As aventuras de Julio Juvenito»; Andrés Biely, em cujo poema «Cristo ressuscitado» se canta o trepidar das maquinas e os vôos da ideologia moderna.

«Estes poetas são caracterisados por uma maneira voluntaria de subjéctivismo. Vibra neles um grande sentimento de solidariedade universal» — diz Halina Izdabska.

Muitos tambem já teem morrido. Uns, nas barricadas ou nas prisões, porque amaram a

Liberdade que os *soviets* não implantaram definitivamente; outros de fome e de miséria — ruidos pela tuberculose. E não está sempre ligada á biografia dos mais representativos escriptores russos uma vida de sofrimento, de privações e tragedia? Dir-se-ha que um numen de fatalidade paira sobre a cabeça dos genios russos, pronto sempre a dar-lhe com golpe mortal.

Nisso — no sofrimento, na desdita — as novas gerações russas não se parecem com as outras da Europa — constituídas na maioria por individuos ricos, filhos de industriais e comerciantes opulentos...

A lista de mortos é já grande.

Leão Lunt — vem cair, faminto, vencido, em Hamburgo, com vinte e três anos apenas e deixando uma obra dramatica que foi uma revelação. Intitula-se «Fora da lei», é prefaciada por Maximo Gorki e aporta a um grande problema — o do revolucionario que se deixa contaminar pelo poder, em nome das suas proprias ideias. Mas o poder corrompeu-o e ele acaba por abdicar das suas doutrinas, tornando-se um tirano vulgar.

«Muitos dos companheiros em arte de Lunt — diz Maximo Gorki — permaneceram dias inteiros em completa imobilidade, dominados pela angustia da fome».

Tambem Alexandre Blok — um dos mais geniais da Russia contemporanea — morre de fome em 1921.

Dois poemas o notabilizaram: — *Os Dose* — referencia simbolica aos apóstolos do cristianismo e do revolucionarismo — e *Os Escitas*, onde ha versos como estes, á margem das velhas regras poeticas: «Pela ultima vez desperta, mundo velho! — Pela ultima vez: vem a uma festa fraternal — Festa de paz e trabalho — Chama-te uma lira barbara».

Deste poema diz Ehremburg: «E' um grito de desespero e uma declaração de amor à velha Europa e ao mesmo tempo uma terrivel advertencia».

Iseralof Ivanof foi tipografo e escritor, descrevendo na sua novela «O comboio blindado 1654» as lutas dos *Soviets* contra Kolschiak, na Siberia — e morreu tambem de fome.

Novas legiões, porem, continuaram na Russia a pregar, pelo porta-voz da Arte, a Ideologia Nova e os novos processos artisticos. Um critico da «Nouvelle Revue Francaise», referindo-se a estes jovens audaciosos, disse — «Neles se encontram os continuadores dos velhos processos da literatura social com que a Russia alimenta os dinamos das ideias revolucionarias.

E Ivan Goll, no seu «Les 5 continents» afirma — «Neles está a fonte de novas forças».